



INVENTÁRIO DA FLORA ARBUSTIVA - ARBÓREA EM ÁREAS CILIARES NO SEMIÁRIDO PARAIBANO, BRASIL

Alecksandra Vieira de Lacerda

Francisca Maria Barbosa; João Juarez Soares; Maria Regina de Vasconcellos Barbosa

Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Unidade Acadêmica de Tecnologia do Desenvolvimento, Sumé, PB. alecvieira@ufcg.edu.br

Instituto Nacional do Semiárido, Campina Grande, PB.

Universidade Federal de São Carlos, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Departamento de Botânica, São Carlos, SP.

Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Sistemática e Ecologia, João Pessoa, PB.

INTRODUÇÃO

As áreas ribeirinhas apresentam formações vegetais características que se encontram associadas aos corpos d'água (Oliveira - Filho, 1994) e são importantes no que tange aos recursos genéticos, florísticos, hídricos, edáficos e exercem destacado papel como corredores de fluxo gênico tanto vegetal quanto animal. Assim, a conservação das áreas ciliares é, sem dúvida, inquestionável e sua importância ecológica vem fazendo com que se busquem definir os aspectos estruturais e funcionais desses ecossistemas.

Quadros como o delineado acima são também evidentes em áreas de caatinga do semiárido paraibano. Neste estado a caatinga é o principal ecossistema, ocupando 40.539 km² (71,64%) do território total. Dentre as peculiaridades marcantes desse ecossistema, as matas ribeirinhas que recobrem as margens aluviais dos rios intermitentes que cortam o semiárido, são definidas como ambientes de exceção por apresentarem um padrão fisionômico e florístico diferenciado em relação a outras áreas na caatinga.

Todavia, a exemplo do que vem ocorrendo em outras regiões do Brasil, essas matas na Paraíba também vêm sendo degradadas por apresentarem os solos mais adequados à agricultura. Diante desse quadro de degradação da vegetação ribeirinha no semiárido paraibano e da crescente preocupação com a manutenção das funções ecológicas por elas desempenhadas, fica evidenciada a necessidade de iniciativas voltadas para sua conservação ou recuperação. Autores como van den Berg

e Oliveira - Filho (2000) têm apontado que estudos detalhados sobre a composição florística e a ecologia dos remanescentes dessas florestas são fundamentais para embasar quaisquer iniciativas para proteger, enriquecer, recuperar ou reconstituir esse tipo de vegetação. Desta forma, tem - se ratificado a relevância de trabalhos que busquem preencher grandes lacunas sobre o conhecimento e a quantificação e espécies típicas de áreas ribeirinhas da caatinga.

OBJETIVOS

O objetivo do presente estudo foi contribuir para o conhecimento florístico de três áreas ribeirinhas na bacia do Rio Taperoá, semiárido paraibano

MATERIAL E MÉTODOS

Local de estudo

O estudo foi realizado na bacia hidrográfica do Rio Taperoá, no semiárido paraibano. Nesta bacia as áreas ribeirinhas amostradas foram distribuídas ao longo dos riachos intermitentes do Cazuzinha, Mares e Farias.

Coleta e análise dos dados

As coletas botânicas da vegetação arbustivo - arbórea foram realizadas mensalmente no período de janeiro/2004 a junho/2006 e se processaram de forma assistemática. Exemplares férteis de cada espécie foram coletados, herborizados e incorporados ao Herbário Lauro Pires Xavier (JPB) da Universidade Federal da

Paraíba. A identificação das espécies e/ou confirmação se processou através de consultas a especialistas e por comparação usando bibliografia especializada e análise das exsicatas depositadas no herbário JPB. As espécies foram organizadas por família no sistema APG III (Angiosperm..., 2009), incluindo - se informação sobre o hábito das mesmas.

RESULTADOS

A vegetação arbustivo - arbórea nos três riachos amostrados foi representada por 91 espécies, ficando 81 identificadas no nível de espécie, cinco no genérico, três no nível de família e duas permaneceram indeterminadas. As espécies identificadas ficaram distribuídas em 27 famílias e 67 gêneros. O componente predominante foi o arbóreo com 60 espécies, ficando, desse número, uma indeterminada e as restantes distribuídas por 24 famílias. O total de espécies arbóreas e arbustivas observado (91) para as matas ribeirinhas é considerado elevado quando comparado com os números apresentados por Rodrigues e Nave (2004) que analisaram 43 trabalhos realizados em florestas ciliares do Brasil extra - amazônico, em condições de clima e de altitude muito variáveis. Segundo esses autores o número de espécies arbustivo - arbóreas amostrado variou de 23 até 247 espécies nos trabalhos apresentados. Além disso, o total de espécies encontradas é também um número elevado quando comparado com o total de espécies lenhosas (475) levantadas para todas as ecorregiões da caatinga (Sampaio e Gamarra - Rojas, 2003).

As famílias com maior número de espécies e gêneros no estrato arbustivo - arbóreo foram Fabaceae, Euphorbiaceae e Rubiaceae. Ao avaliar 43 trabalhos realizados em florestas ciliares do Brasil extra - amazônico, Rodrigues e Nave (2004) registraram que entre as oito famílias mais ricas citadas estão Fabaceae, Euphorbiaceae e Rubiaceae. Relacionado à ocorrência de famílias como Myrtaceae e Bignoniaceae estas são pouco citadas para áreas de vegetação caducifólia espinhosa (caatinga) instaladas no cristalino (Lemos e Rodal, 2002). Myrtaceae também foi citada por Rodal e Nascimento (2002) como uma família comum em ambientes mais úmidos.

A maior parte dos gêneros (53) possui apenas uma espécie, ficando 14 gêneros com mais de uma, ou seja, *Croton* com quatro espécies, *Combretum*, *Mimosa* e *Senna* com três cada e ainda *Caesalpinia*, *Capparis*,

Cordia, *Lippia*, *Lonchocarpus*, *Pilosocereus*, *Tabebuia*, *Tocoyena*, *Vitex* e *Ziziphus* com duas. Estes dados apontam para uma tendência nas áreas estudadas, a exemplo do que ocorre na caatinga, em apresentar baixa diversidade dentro dos táxons.

CONCLUSÃO

O total de espécies listado é expressivo quando comparado com levantamentos das florestas ciliares do Brasil extra - amazônico e nos diferentes tipos de vegetação caducifólia do semiárido.

REFERÊNCIAS

- ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP - APG III. 2009. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG III. Bot. J. Linn. Soc. 161:105 - 121.
- LEMONS, J. R. & RODAL, M. J. N. 2002. Fitosociologia do componente lenhoso de um trecho da vegetação de caatinga no Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil. Acta Bot. Bras. 16(1):23 - 42.
- OLIVEIRA - FILHO, A. T. 1994. Estudos ecológicos da vegetação como subsídios para programas de revegetação com espécies nativas: uma proposta metodológica. Cerne 1(1):64 - 72.
- RODAL, M. J. N. & NASCIMENTO, L. M. 2002. Levantamento florístico da floresta serrana da Reserva Biológica de Serra Negra, microrregião de Itaparica, Pernambuco, Brasil. Acta Bot. Bras. 16(4):481 - 500.
- RODRIGUES, R. R. & NAVE, A. G. 2004. Heterogeneidade florística das matas ciliares. In: Rodrigues, R. R. & Leitão Filho, H. F., ed. Matas ciliares: conservação e recuperação. São Paulo: EDUSP/FAPESP, p.45 - 72.
- SAMPAIO, E. V. S. & GAMARRA - ROJAS, C. F. L. 2003. A vegetação lenhosa das ecorregiões da Caatinga. In: Jardim, E. A. G., Santos, M. N. C. Bastos & J. U. M., ed. Desafios da botânica brasileira no novo milênio: inventário, sistematização e conservação da diversidade vegetal. Belém: Sociedade Brasileira de Botânica, p.85 - 90.
- VAN DEN BERG, E. & OLIVEIRA - FILHO, A. T. 2000. Composição florística e estrutura fitossociológica de uma floresta ripária em Itutinga, MG, e comparação com outras áreas. Rev. Brasil. Bot. 23(3):231 - 253.